

Poder, sofrimento psíquico e contemporaneidade

Sylvain Levy¹

Brasília vai sediar, entre 11 e 14 de novembro próximo, o XX Congresso Brasileiro de Psicanálise que terá como tema “Poder, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade”. Nada mais contemporâneo que o sofrimento psíquico causado pelo poder.

Pelo que temos assistido, o poder é “deles”, o sofrimento é de todos nós e a psicanálise não é mais só dos analistas.

Considerada apenas como uma palavra, PODER já uma palavra especial e com força, pois é uma das poucas palavras que podem ser usadas como verbo ou substantivo.

Dentre os vários significados de ação, poder é “ter a faculdade ou a possibilidade de”, “possuir força física ou moral; ter influência” e “ter domínio ou controle sobre”.

Como substantivo masculino poder é um direito ou capacidade de decidir, agir e ter voz de mando e/ou autoridade, ou ainda, governo de um país, de um Estado etc.

Ou seja, Poder é uma ação ou uma manifestação.

É possível pensar em algumas formas de poder ou de tipos de manifestação do poder, como o poder da crença, o poder político-hierárquico, o poder da força, o poder do dinheiro (econômico), das idéias (ideológico), dos instintos (como os de sobrevivência - vida e morte) e do afeto (amoroso e odioso).

As estruturas sociais como grupos abertos ou fechados, a família, as associações, partidos políticos e seitas, entre outros, usarão de um ou de várias dessas manifestações do poder, com intersecções entre si, para garantir a primazia de um de seus elementos ou grupo.

O que produz um resultado previsível. Quando ameaçado o dono do poder busca apoio entre os seus pares, como o fez De Gaulle, na França conturbada de 1968, que se refugiou na mais importante base militar francesa, desaparecendo por alguns dias e como o fez Lula que foi discursar entre os operários por esse Brasil afora, quando não era mais possível ignorar a crise do mensalão.

O poder da crença, mais utilizado (mas não exclusivamente) pelas igrejas, é baseado nas determinações dogmáticas dos textos sagrados, nas interpretações onipotentes dos representantes terrenos das religiões e na manipulação do duo culpa/reparação. Quanto mais fundamentalista for a seita menor a contestação e maior o poder dos poderosos mandantes.

O poder político-hierárquico é o do chefe. Seja ele de uma repartição, de um reinado ou de uma cátedra universitária, seja ele respeitado ou não, seja ele merecedor ou não, quem manda é seu título e aos demais cabe a obediência. Não se pode esquecer que pai e mãe (ou paternidade e maternidade) também podem ser considerados ou utilizados como título.

Discorrer sobre o poder da força e o poder do dinheiro é chover no molhado. Todos têm sua experiência nessas manifestações do poder, como fonte geradora ou como objeto (alvo) da submissão.

Esses quatro poderes podem ser classificados como externos ou objetivos. Eles são impostos e seus movimentos são de fora para dentro. Os três outros têm outra característica são subjetivos e os movimentos são de dentro para fora.

¹ Membro Associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília

Idéia, instinto e afeto precisam ser sentidos, pensados e aceitos internamente antes de serem colocados à disposição do poder externo como fator de dependência ou submissão. Adotamos uma idéia e nos comprometemos ideologicamente a partir de uma convicção pessoal. O medo de morrer dispara uma pulsão de vida que se impõe a qualquer outro elemento e o amor e ódio nascem como forças avassaladoras internalizadas que, como a fé, removem montanhas.

Habitualmente se associam violência e poder, muitas vezes traduzida como a violência do poder. Essa relação pode ser observada no momento atual, no país, onde as maiores violências perpetradas pelo poder são a produção da desesperança e a imposição da ausência do poder, que se pretende ver revertida com o episódio da eleição para a Presidência da Câmara dos Deputados.

Ou como dizia Balzac: "São menos mortais os efeitos de um desejo não satisfeito que as esperanças frustradas". Em relação ao momento atual, é interessante lembrar um trecho de um artigo de Josias de Souza, publicado na Folha de São Paulo, dia 2 de outubro passado: "No passado, quando queria humilhar o Congresso, o Executivo fechava-o. De uns tempos para cá, compra-o... A armaria foi substituída pela pecúnia. Assim como o fuzil e a metralhadora, o dinheiro também faz calar. Fala mais alto do que a consciência de muitos parlamentares."

Pelas condições políticas e sociais expressas pelos órgãos de imprensa e nas transmissões ao vivo das reuniões das CPIs pelas TVs e Rádios, não é possível imaginar outras manifestações do poder que não as do poder econômico. Pelo exame dos fatos não é possível identificar nenhuma das inclinações subjetivas que possam exprimir as manifestações do poder. Não há afeto, não há ideologia, não há crença. Apenas medo, mentira e instinto de sobrevivência. Os elementos subjetivos foram todos engolidos pela frieza do concreto, do pagamento, da opção pelo dinheiro fácil e sem compromisso. Os laços partidários, frágeis e viciados, foram rompidos pela proposta mais imediatamente valiosa.

O poder em si mesmo é apenas uma palavra – verbo ou substantivo. O poder serve a um governo e é instrumento de governo. Se ao governo compete promover o bem estar da coletividade o poder nem sempre tem se revelado como instrumento para esse objetivo e, na maioria dos casos nesses 505 anos de Brasil, tem-se mostrado deletério à maioria da população e se revelado como instrumento das elites eternamente poderosas, até mesmo por aqueles que as atacam e juram acreditar que sua onipotência transformará o país. Se o governo existe para promover o bem comum o poder tem existido para causar sofrimento, o que torna o governo (todos) emissário do sofrimento.